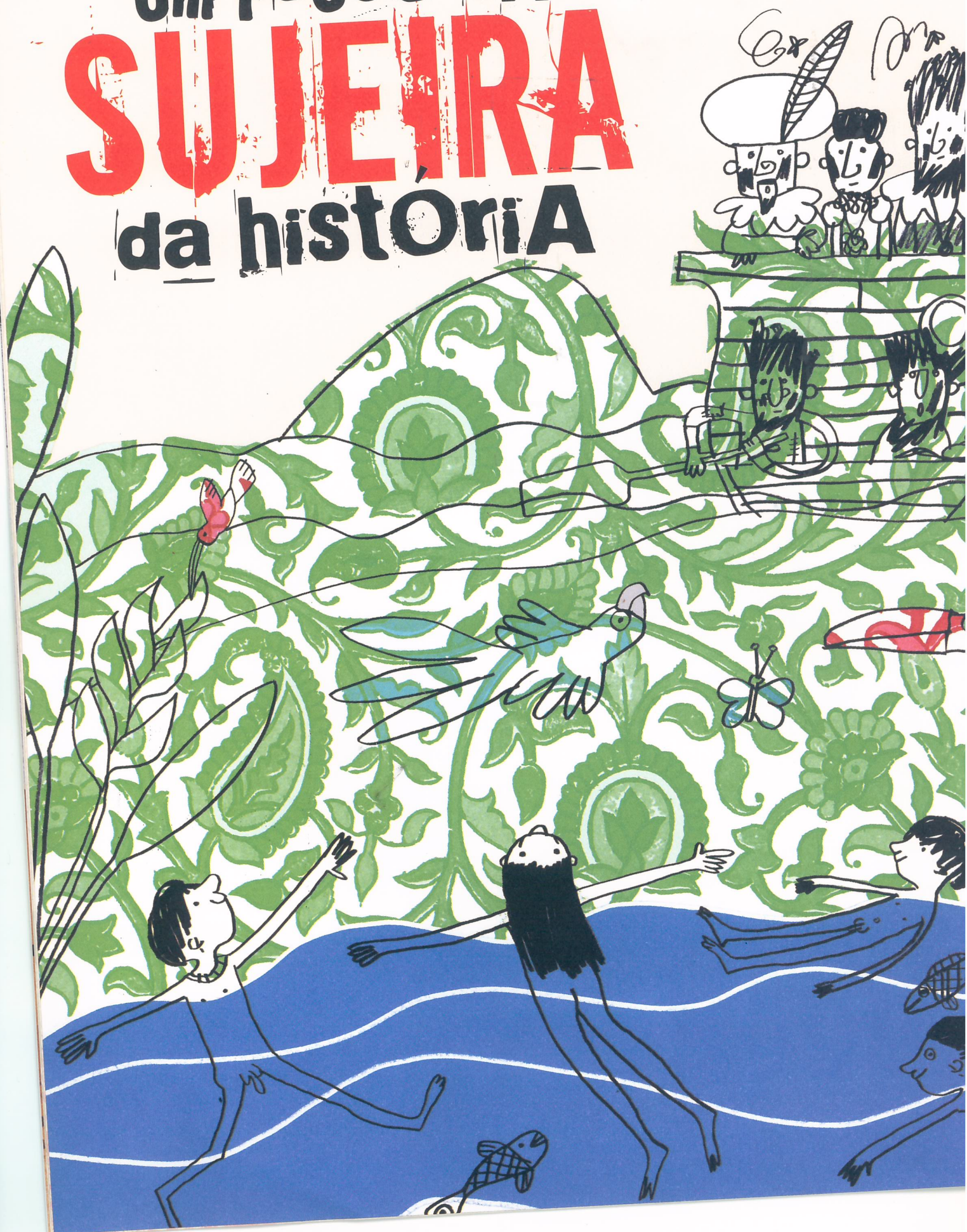


Um Pouco da
SUJEIRA
da histOria





Que limpeza não é privilégio do ser humano você sabe. Até porque já deve ter visto cenas de gato se

lambendo, passarinho mergulhando em poça d'água, macacos se catando e outros animais cuidando, a seu modo, da própria higiene. O que você talvez não tenha pensado é que a convivência com a sujeira talvez seja mais comum entre os humanos. E isso não é de hoje...

Fedor a bordo

Imagine, por exemplo, em que estado desembarcavam os navegantes europeus que passavam meses em navios para chegar às Américas? Convivendo com sujeira no convés e no porão, nas roupas, nos utensílios e, claro, nos corpos – porque passavam muito tempo sem tomar banho –, eles não deviam exalar um aroma muito agradável, concorda?

A distância do chuveiro não se dava apenas por estarem viajando: o hábito de tomar banho uma vez ao dia não fazia mesmo parte da cultura dos europeus na época das grandes navegações. Assim, portugueses e espanhóis que por aqui chegaram há mais de 500 anos provavelmente se espantaram ao encontrarem os nativos limpos, banhando-se e divertindo-se em rios e lagos sem usar roupas. Pensando bem, espantados mesmo devem ter ficado os índios ao sentirem os odores do Velho Mundo, não é?

Piolhos pré-históricos

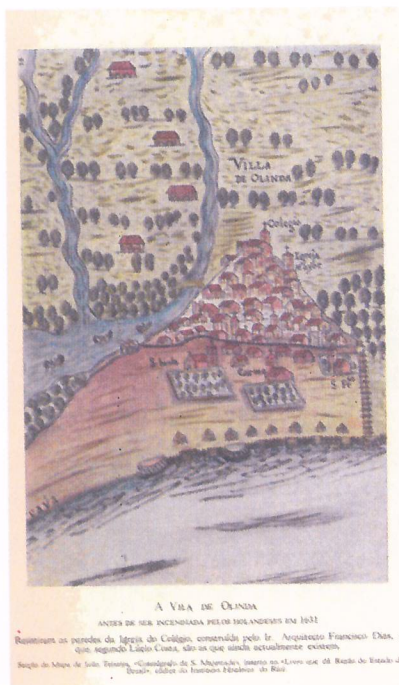
Quer ir mais longe na observação dos humanos e as consequências da falta de higiene? Pois, então, anote: pesquisadores descobriram em fósseis de populações pré-históricas da África e das Américas parasitos que até hoje são encontrados nas populações atuais. Um exemplo? Os piolhos! Sim, piolhos foram encontrados nas cabeças humanas da Pré-História. O detalhe é que o número de parasitos que se encontrava nos indivíduos, em geral, não era muito grande. Isso porque eles eram nômades. Veja só...

Avançando um pouco no tempo e chegando novamente à época do descobrimento, verificamos outros indícios de falta de higiene dos humanos e, também, a razão para que não acumulassem tantos parasitos. Estudos em restos arqueológicos mostraram que os nativos das Américas, os índios, tinham vermes intestinais. Contudo, isso não devia lhes causar grandes problemas. Eles tinham hábitos nômades, andavam atrás da caça de mamíferos, aves, répteis e peixes, colhiam frutas e raízes, entre outros alimentos, e se banhavam constantemente, como observou Pero Vaz de Caminha na carta escrita ao rei de Portugal dando conta da descoberta do Brasil. Por não permanecerem no mesmo território por muito tempo, havia dificuldade para transmissão de parasitos. Assim, o número de parasitos em cada indivíduo, mantinha-se, em geral, reduzido.

Cidades anti-higiênicas

Com a chegada dos portugueses, iniciaram-se as construções das primeiras vilas e de núcleos urbanos. Como os novos habitantes pretendiam se defender de possíveis ataques indígenas e de outros europeus considerados inimigos, como os franceses e os holandeses, as cidades começam a ser construídas de forma aglomerada, com pouco espaço para circulação, tal como na Europa da época. A cidade de Olinda, em Pernambuco, é um exemplo típico dessas construções. Mas, além de apertadas, as cidades eram erguidas com pouca ou nenhuma preocupação com higiene ou saneamento. Não havia esgoto – como ainda não há em diversas cidades brasileiras – e os dejetos eram jogados... Adivinha por

Obra: História da Cia. de Jesus no Brasil, padre Serafim Leite S. J.



A cidade de Olinda, em Pernambuco – exemplo de construções aglomeradas.

Obra: O colar de ferro, castigo dos negros fugitivos, Debret.



Escravo com barril de dejetos, Rio de Janeiro, século 19.

onde? Pela janela! Imagina estar passeando pela rua e ser vítima de alguém esvaziando seu penico! *Argh!*

A situação de imundície das cidades era tão crítica que designaram escravos para a árdua tarefa de recolher as fezes da população em barris para atirarem ao mar. Alguns deles, para não se rebelarem contra essa atribuição, eram acorrentados pelo braço ao cesto que carregavam na cabeça. O mau cheiro dos dejetos acumulados por dias você pode imaginar.

Como as condições de higiene e saneamento não existiam, ou eram muito deficientes e pouco práticas, ocorreu um crescimento significativo dos parasitos na população brasileira durante o período colonial.

Todos vítimas

A chegada de novos parasitos com os europeus provocou grande número de mortes entre os índios. Entre os colonizadores aconteceram também grandes epidemias. Já os escravos eram vítimas de fome, sede e falta de higiene nos navios que os transportavam de maneira desumana da África para cá.

Portanto, as novas colônias brasileiras, que se assentavam nas partes mais belas do país, no litoral e no interior, sofriam com as mazelas à medida que transformavam o espaço. Somente a partir do início do século 20 houve uma grande mudança nessa história. Foi quando o cientista Oswaldo Cruz introduziu a saúde pública como ponto central do bem-estar das pessoas.

Oswaldo Cruz

No final do século 19 e no início do século 20, a população do Rio de Janeiro sofria com a peste bubônica. Esta doença, cujo parasito é transmitido às pessoas pela pulga do rato, debilita a saúde de forma grave e, muitas vezes, leva à morte. Aconteciam, também, epidemias de varíola e febre amarela. A situação era tão trágica que os navios que chegavam da Europa trazendo e levando mercadorias evitavam o porto da cidade por conta das doenças.

O governo brasileiro consultou especialistas franceses que indicaram Oswaldo Cruz, jovem médico brasileiro que havia estudado na França, para cuidar do problema. Foi um sucesso! Oswaldo Cruz controlou a população de ratos que infestava a cidade, promoveu o saneamento, a limpeza das ruas,

vacinou a população e instituiu a saúde pública no Brasil.

O castelo que construiu em 1900, atual sede da Fundação Oswaldo Cruz – instituição de pesquisa em saúde pública e outras áreas –, é o símbolo desse herói da ciência e da saúde da população.

Do passado ao presente

Embora a situação tenha mudado consideravelmente do Brasil colônia aos tempos atuais, muito do passado permanece e parte piorou. Há cidades brasileiras, até mesmo capitais, em que a rede de esgoto é inexistente ou insatisfatória. Não há água encanada e os rios e lagos, fontes de água para o consumo, são totalmente poluídos.

Mesmo em grandes cidades, como o Rio de Janeiro, a

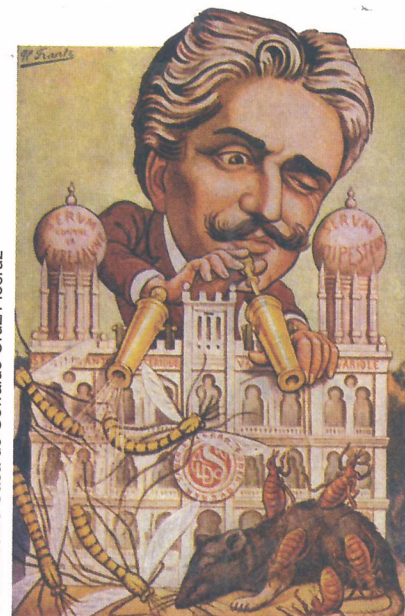


Foto Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Charge publicada na revista francesa Chanteclair, em 1911, representa Oswaldo Cruz combatendo a febre amarela e a peste bubônica.

população convive entre espaços com saneamento satisfatório e outros em que nada disso existe, como em algumas favelas. Como controlar doenças transmissíveis e outros problemas relacionados à saúde nessas condições?

Este é o papel das instituições voltadas para a promoção da saúde na população. É, também, o papel que os governos devem desempenhar, incentivando que o conhecimento adquirido pela ciência seja usado a favor dos indivíduos e da população. Afinal, saúde é um direito de todos!



Adauto Araújo e Luiz Fernando Ferreira,
Escola Nacional de Saúde Pública,
Fundação Oswaldo Cruz.



O castelo da Fundação Oswaldo Cruz, concluído em 1909. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Foto Fernando Vasconcelos